

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

KELLY SANTANA BARBAN

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO:
RECURSO MEDIADOR ENTRE APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO**

MARINGÁ

2014

KELLY SANTANA BARBAN

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO:
RECURSO MEDIADOR ENTRE APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia pela
Universidade Estadual de Maringá, sob
orientação da Profa. Dra. Maria de
Jesus Cano Miranda.

MARINGÁ

2014

KELLY SANTANA BARBAN

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO:
RECURSO MEDIADOR ENTRE APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO**

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual
de Maringá, como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada
em Pedagogia, sob a orientação da
Profa. Dra. – Maria de Jesus Cano
Miranda

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Maria de Jesus Cano Miranda

Professora Dra. Erica Piovam de Ulhôa Cintra

Professora Dra. Solange F. R. Yaegashi

Aprovado em 05/11/2014

Dedico este trabalho a Deus, que até aqui tem me ajudado, dando-me força, sabedoria e entendimento. E a todos que colaboraram para eu chegasse neste momento importante, especialmente aos meus pais que sempre me incentivaram.

AGRADECIMENTO

Ao chegar ao final da elaboração desta pesquisa, agradeço a Deus primeiramente por estar em minha vida e me ajudar em todos os momentos, pois ele é bom, e seu amor dura para sempre. (1 Crônica, vers. 16, cap. 34). Não poderia deixar de agradecer também a todos que acompanharam minha caminhada:

Aos meus pais, Edson Roberto Barban e Lindaura Santana Barban, que me ajudaram desde início até este momento de concluir o trabalho final, por me educarem como pessoa transformando-me em alguém capaz de enfrentar todos os obstáculos, respeitando a todos.

A minha querida irmã Sara Santana Barban, por compreender minhas preocupações com as tensões acadêmicas e respeitar meu tempo, agradeço de coração por me acompanhar nessa etapa.

Em especial, agradeço a minha Orientadora por ser uma inspiração como profissional, a qual, desejo seguir como exemplo, pela sua atenção e carinho e todo seu jeito de nos corrigir e de nos ensinar.

A todo o corpo docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, que contribuiu e marcou a minha vida acadêmica.

Aos colegas de turma dos quatro anos de graduação que me proporcionaram formar grandes amigos. Ao lado deles brincamos, discordamos, conversamos, estudamos, choramos, grandes momentos que estarão para sempre fazendo parte da história da minha vida. Em especial minhas companheiras de trabalhos, Gisele Cavalaro Avelino Ide, Maria Laura Almirão, Suzana Emiko Okada e minha grande amiga Rafaelen Pereira Mingrone.

Todos de uma maneira especial contribuíram para minha formação.

Muito Obrigada!

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. AFETIVIDADE: CONCEITO E IMPLICAÇÕES PARA A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO.	13
3. A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR/ALUNO NO ENSINO E APRENDIZAGEM	
4. RELAÇÃO PEDAGÓGICA E AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR/ALUNO.	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34

BARBAN. Kelly. Santana. **AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO: RECURSO MEDIADOR ENTRE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal estudar a importância da relação de afeto entre professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem e como objetivos específicos: conceituar e definir em que consiste afetividade na relação professor/aluno; refletir sobre a importância da afetividade na relação professor/aluno no ensino e na aprendizagem, tendo como ponto de partida a ação mediadora do professor; analisar a influência da relação entre professor e aluno e suas contribuições para o processo ensino e aprendizagem. Fundamentou-se nos pressupostos da concepção Histórico Cultural defendida por Vygotski que estuda o desenvolvimento humano em suas relações sociais. Por meio da mediação do adulto a criança assimila e passa a participar da cultura do meio em que vive. Para defender esse pensamento Wallon acredita que afetividade e inteligência caminham juntas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica cujos procedimentos metodológicos envolveram literaturas básicas, encontros de estudos, discussões e reflexões, fichamentos dos textos estudados e elaboração do presente trabalho. Como resultado percebemos que a relação entre professor/aluno é de suma importância no processo de ensino e aprendizagem uma vez que por meio do afeto e da interação com o educando o professor pode oportunizar momentos de aprendizagem e desenvolvimento. Deste modo, o desenvolvimento do aluno será proporcionado envolvendo a interação com o conhecimento, mediado pelo educador.

Palavras-chave: Afetividade, Relação professor/aluno, Ensino Aprendizagem.

BARBAN. Kelly. Santana. **AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO: RECURSO MEDIADOR ENTRE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

ABSTRACT

This research aimed to study the importance of affection between teacher and student in the teaching and learning process and as specific objectives, to conceptualize and define what constitutes affection in the teacher and student relation; to reflect on the importance of affection in the teacher-student relationship in the teaching and learning process, based on the mediating role of the teacher; to analyze the influence of the relationship between teacher and student and its contributions to the teaching and learning process. It was based on the assumptions of historic-cultural conception defended by Vygotsky, who studies human development in his/her social relations. Through the mediation of an adult, the child assimilates and becomes part of the culture and environment which he/she lives in. To defend this thought, Wallon believes that affectivity and intelligence go together. It is a bibliographical research whose basic methodological procedures has involved basic literatures, studies meetings, discussions and reflections, annotations of the texts studied in this work. As a result we realize that the relationship between teacher and student is extremely important in the teaching and learning process once by affection and interaction with the student, the teacher may take advantage of learning and developments. In this way, the development of the student will be provided involving the interaction with knowledge, mediated by the educator.

Keywords: Affection, Relationship teacher and student, Teaching and Learning.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) foi desenvolvido para aperfeiçoar os conhecimentos sobre o tema da importância da afetividade entre o professor/aluno no processo ensino e aprendizagem, uma vez que, compreendido isto, passa a ser primordial para o decorrer da atuação do professor em sala de aula, de maneira a fazê-lo pensar e buscar estratégias para lidar com determinadas situações que lhe são postas em seu dia a dia com vista a estimular o desenvolvimento da criança. E também, contribuir para as reflexões que favoreçam na formação de professores capazes em acompanhar e mediar o conhecimento para o aluno fazendo ligações com os conteúdos e a realidade, e assim influenciar na sua formação docente por meio da aprendizagem significativa. O objetivo geral é estudar a importância da afetividade nas relações professor/aluno no processo ensino e aprendizagem. Os objetivos específicos foram assim elaborados: conceituar e definir em que consiste afetividade na relação professor/aluno; refletir sobre a importância da afetividade na relação professor/aluno no processo ensino e na aprendizagem, tendo como ponto de partida a ação mediadora do professor; e analisar a influência da relação entre professor e aluno e suas contribuições para o processo ensino e aprendizagem.

Neste trabalho partiremos do pressuposto de que a relação professor /aluno é fundamental para que ocorra o processo de ensino aprendizagem da criança em seu processo de desenvolvimento escolar, orientando os educadores sobre a importância do bom relacionamento, afeto e estimulação que são necessários para com o aluno.

Dessa forma, o desafio da educação é compreender o desenvolvimento humano em sua diversidade. Considerando o aspecto afetivo, cognitivo, motor suas necessidades e interesses, no qual constitui o indivíduo como descreve Galvão (2000) sobre a proposta de Wallon, por meio de estudo em que são determinados por idade, os meios e recursos usados pelas crianças em seu desenvolvimento para interagir com seu ambiente, conforme afirma a autora:

O estudo da criança contextualizada possibilita que se perceba que, entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. Conforme as disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento (GALVÃO, 2000, p. 39).

A escola é um ambiente em que a ação do professor deve exercer a afetividade, pois é um ambiente de ensino aprendizagem no qual há uma pluralidade cultural em que oportuniza uma direção para construir significados para com o professor e o aluno, ou seja, esse ambiente do ensinar e aprender construído pelo professor para a participação dos alunos nos projetos pedagógicos da escola deve tornar-se atrativo para aquele que aprende e estimulante para o que ensina.

O papel do professor é primordial para a educação por meio de sua mediação desenvolverá de forma progressiva fases em que predominam a afetividade e cognição/inteligência. Esse processo deve levar a criança a interagir com o ambiente. Como ressalta Galvão (2000):

No desenvolvimento humano podemos identificar a existência de etapas claramente diferenciadas, caracterizadas por um conjunto de necessidades e de interesses que lhe garantem coerência e unidade. Sucedem-se numa ordem necessária, cada uma sendo a preparação indispensável para o aparecimento das seguintes (GALVÃO, 2000, p.39)

Desse modo, o professor atuando como educador poderá ter condição de administrar o seu meio. Para Vygotski¹ (2001) em Psicologia pedagógica, o trabalho do professor é comparado à zero:

[...] atualmente esse papel [do professor] vai sendo cada vez mais reduzido a zero e substituído de todas as maneiras pela energia ativa do aluno, que em toda a parte deve não viver do alimento que o mestre lhe fornece, mas procurar por conta

¹ O nome de Vygotski aparece de diferentes maneiras na literatura consultada, dependendo do idioma de publicação. Assim, na língua inglesa utiliza-se a grafia Vygotsky. Em espanhol, Vygotski. Em alemão, Wygotski. Do russo para o espanhol as edições são traduzidas para grafia Vigotski (Cf. DUARTE, 2001, p.2). Neste trabalho, será adotada a grafia Vygotski, com o fim de padronizar sua escrita, embora nas referências sejam mantidas as grafias das obras citadas.

própria obter conhecimentos, mesmo quando o recebe do mestre. (VYGOTSKI, 2001, p. 447).

O professor por meio do seu conhecimento ensina o aluno de modo a ampliar os conhecimentos que ele possui, ou seja, estimula a curiosidade do aluno em aprender coisas novas e assim contribui para o seu desenvolvimento.

Esta pesquisa foi movida por inquietações observadas em experiências de estágios em que despertaram o interesse em aprofundar o assunto no que toca em reavaliarmos os métodos utilizados para a formação do educando, compreendendo a importância da relação do professor para com o aluno. Assim, o educando deve ser ensinado com respeito a sua realidade de maneira que não seja limitada apenas ao ambiente imediato que está em volta da criança. Desta forma, os questionamentos que nortearam o presente estudo foram formulados nos seguintes termos: Em que consiste a afetividade na relação pedagógica estabelecida entre professor/aluno em sala de aula? Qual a importância da afetividade na relação educativa entre professor/aluno? Como proporcionar reflexões sobre as posturas, comportamentos e ações em sala de aula e na escola que estimula melhor relação professor/aluno com vistas ao desenvolvimento do educando?

Mediante esta exposição, o presente estudo se justifica porque parte do princípio de que no processo educativo, o professor deve direcioná-lo de forma planejada, sistematizada, tornando o saber docente o meio pelo qual trará estímulos e mudanças, tanto para a escola como para o educando diretamente envolvido nesse processo. E também, por oportunizar discussões a respeito da relação professor-aluno no processo ensino e aprendizagem, bem como proporcionar reflexões sobre as posturas, comportamentos e ações do professor e da criança em sala de aula e na escola.

Trata-se de um estudo bibliográfico, o qual caracteriza-se pela investigação de natureza teórica com pesquisa em referenciais de estudos e da literatura atual sobre o tema. Segundo Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica é: “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...]”. Os procedimentos metodológicos apresentados no trabalho constam de seleção da literatura básica que fundamenta-se por meio de leitura, documentos oficiais e

fichamento das obras selecionadas, participação em encontros de estudos, discussões e reflexões com a orientadora.

Por se tratar de uma pesquisa teórica, é segundo Demo, (2000, p. 20) "dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos". Deste modo, são necessárias para o trabalho de pesquisa algumas reflexões, para melhor traçarmos seu desenvolvimento. De acordo com Gil (2002):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos (GIL, 2002, p.45).

Assim, convém assegurar-nos que os dados obtidos sejam analisados em profundidade para não ocorrer incoerência com as informações coletadas. O trabalho foi organizado em cinco partes que se apresentam inter-relacionadas, quais sejam: introdução que apresenta os desafios da educação em compreender o processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento humano considerando os aspectos afetivos e cognitivos bem como os objetivos da pesquisa, sua justificativa, problemática e a metodologia. No segundo tópico, discutimos sobre o conceito de afetividade, processo essencial na relação professor/aluno. no terceiro tópico, buscamos apresentar uma discussão da temática, os fundamentos baseados na importante relação entre professor/aluno no processo ensino e aprendizagem e desenvolvimento; o quarto tópico discorremos sobre os benefícios da relação entre professor/aluno na aprendizagem, e por fim, as considerações finais.

2. AFETIVIDADE: CONCEITO E IMPLICAÇÕES PARA A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

Segundo o dicionário elaborado por Ferreira (1986, p.55), Psicol: afetividade é um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressões de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Em outro dicionário, encontramos que afetividade é qualidade do que é afetivo; afeição; carinho. (BUENO, 2007, p. 33). Galvão (1995) conceitua afetividade como sinônimo de emoção:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimo. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca. (GALVÃO, 1995, p. 61).

Compreendendo como um caráter biológico, as emoções dão origem ao tônus muscular que manifestam expressões corporais e motoras. Desde o início da vida, a emoção é percebida por meio de expressões orgânicas, estado afetivo de bem-estar ou mal-estar. A emoção se manifesta na vida afetiva de todos os seres. Para as crianças no processo de ensino/aprendizagem a emoção é um dos meios no qual se manifesta o desejo de aprender. De acordo Wallon descrito por Galvão (2000):

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitude determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seria impossível efetuar as distinções e as classificações necessárias ao

conhecimento das coisas e de si mesmo. (GALVÃO, 2000, p. 63-64)

Deste modo, a atividade social manifesta-se nas reações da emoção, ou seja, é a primeira forma de interação de todos os seres com o meio. Para as crianças, o processo de interação com o outro, depende do meio em que vive. A afetividade nesse momento passa a ser importante para contribuir na formação dos indivíduos em sua aprendizagem e desenvolvimento como aluno, assim Kieckhoefel (2011) considera:

[...] a afetividade pode ser conceituada como algo diretamente ligada ao domínio das emoções e dos sentimentos que estão envolvidos nestas emoções, e, principalmente, da maneira como nos relacionamos com estes sentimentos, isto quando se refere ao convívio humano e a forma como estes se expressam (KIECKHOEFEL, 2011, p. 2539).

A afetividade manifesta-se na criança quando surgem os elementos simbólicos transformando as emoções em sentimentos. Durante esse desenvolvimento ocorre “complexificação” das emoções, em seu decorrer a afetividade tem um papel fundamental, nos primeiros meses de vida, sua função é de comunicação que se manifesta pelos impulsos emocionais, no qual estabelece os primeiros contatos da criança com o mundo. Em seguida, a criança passa para o estado de sincretismo, processo de diferenciação no qual a afetividade está presente mediando pela construção da identidade. É por meio da afetividade que também o mundo simbólico traz origem as atividades cognitivas, mobilizando o avanço da criança em seu desenvolvimento. Ao caracterizar as interações sociais, Vygotski (2007) destaca dois elementos mediadores: o instrumento mediador do sujeito e o ambiente, e os signos um elemento da atividade psicológica. Mas, o que caracteriza o desenvolvimento humano é a interação com o meio social. Segundo Leite e Tagliaferro (2005):

A ideia de mediação, encontrada em Vygotsky (1998), permite defender que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Isso significa que a criança desenvolve-se pela sua inserção na cultura, promovida pela mediação das pessoas que a rodeiam (LEITE; TAGLIAFERRO, 2005, p. 248).

Nesta perspectiva, as influências que a afetividade proporciona para o processo de desenvolvimento cognitivo, presentes nas interações sociais, são

marcadas também pelas interações ocorridas no contexto escolar. O papel do outro proporciona relações de experiências, o professor em sua mediação influencia na construção do processo ensino e aprendizagem. De acordo com Leite e Tagliaferro (2005):

Partindo desse pressuposto, assume-se que, no processo de apropriação do conhecimento, o Outro possui grande importância, mediando a relação sujeito-conhecimento através dos objetos culturalmente configurados, os quais ganham significado e sentido.

Referindo-se especificamente à sala de aula, pode-se supor que, nesse espaço, os alunos vivenciam experiências de natureza afetiva que determinarão a futura relação que se estabelece entre eles e os diversos objetos de conhecimento. Nesse sentido, a qualidade da mediação do professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação sujeito-objeto. Ou seja, o trabalho concreto do professor em sala de aula (suas formas de interação com os alunos, suas estratégias para abordar os conteúdos, os tipos de atividades que propõe os procedimentos de correção e, avaliação, por exemplo) certamente tem uma influência decisiva na construção dessa relação (LEITE; TAGLIAFERRO, 2005, p. 257).

Desta forma, a relação professor/aluno constitui-se por meio das práticas pedagógicas que assim promovem a relação com o objeto a ser conhecido. Entendemos que a ação do professor no modo de proceder no aprendizado influencia na formação do aluno, modificando a visão do mundo em sua maneira de interagir e agir, tornando-o comprometido com suas obrigações e interesses.

Consideramos assim que o professor atuará como o mediador do conhecimento que favorecerá o processo de desenvolvimento cognitivo do educando. Educar implica em uma ação do sujeito em aprender, e para que isso ocorra, o educador precisa ir além de conhecer a realidade de seus educandos, conhecer quem os são e vê-los como humanos em potencial, com dificuldades e fraquezas, dispostos em aprender. Para isso é necessário compreendermos que o papel do professor e do aluno é de aprimorar efetivamente condições para o desenvolvimento do educando. O professor, ao relacionar-se com o aluno construirá um suporte que irá desencadear uma aprendizagem melhor, sendo seres autônomos e criativos. Para Wallon, segundo Almeida e Mahoney (2007):

O apoio que o professor dará ao aluno nessa travessia de criança a adulto terá maior ou menor relevância dependendo de ele olhar muitas vezes para trás para avaliar seu próprio desempenho; de olhar seu aluno com reverência ou acatamento, lembrado sempre que a criança de hoje é o adulto de amanhã; de tomar em consideração, ter em conta suas condições de aprendizagem e as de seu meio; de seguir as determinações, cumprir, observar, acatar o ritmo de desenvolvimento próprio de sua etapa de formação. (ALMEIDA e MAHONEY, 2007, p. 82)

Assim, percebemos que a relação entre professor/aluno para o processo de ensino e aprendizagem está ligada efetivamente e faz-se necessário para o trabalho entre o educador e o educando, desenvolvendo-o capacidade intelectual e o interesse em aprender os conteúdos apresentados pelo professor; por meio desse envolvimento, a afetividade possibilita trocas de experiência e de aprendizagem. A ação do professor estimula os alunos a terem criatividade e interesse, motivando-os a conquistar o conhecimento, formando neles caráter que manifeste em sua maneira de agir nas diversas situações sociais. Como explica Vygotski (2008):

O nível do desenvolvimento da criança não deve ser avaliado por aquilo que ela aprendeu através da instrução, mas sim pelo modo como ela pensa sobre os assuntos a respeito dos quais nada lhe foi ensinado. Aqui, a separação – na verdade, a oposição entre o aprendido e o desenvolvimento é levada ao seu extremo. (VYGOTSKI, 2008, p.118-119):

Deste modo, o desenvolvimento da criança baseia-se no processo de associação dos hábitos, transformando-os em aprendizagem. Como propósito, a afetividade na educação constitui-se como um meio a favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Essa formação acontece dentro de um processo educativo que se constitui pela apropriação dos conhecimentos adquiridos na prática social com a finalidade de humanizá-la. A educação transmite conhecimentos para o aluno, formando-o desde o conhecimento cotidiano para o conhecimento científico, contribuindo assim para seu desenvolvimento.

A apropriação desses conhecimentos científicos levará o aluno a conhecer de forma mais concreta, por meio da mediação das abstrações, a realidade da qual ele faz parte. Assim, o adulto mais desenvolvido, no caso o professor deve ter como meta transmitir para os alunos esse conhecimento científico de forma sistematizada (FACCI, 2004, p.228).

Compreender a prática educativa, ou seja, apropriar-se dos conhecimentos produzidos no meio social, são aspectos necessários para formação do aluno, pois possibilitará apropriar-se da cultura, de maneira abranger-se, a organizar meios em que transmita ao indivíduo um ensino de experiências, no qual o aluno evolua em seu desenvolvimento.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores é dependente da convivência dos seres humanos com seus pares, de forma que haja a superação do biológico pela utilização de mediadores produzidos para suprir as necessidades postas historicamente. O professor, nesse processo, tem uma grande contribuição no desenvolvimento FPS. De acordo com a psicóloga histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica, o ensino é o sistema de organização dos meios pelos quais se transmite ao indivíduo a experiência elaborada pela humanidade, considerando eficiente aquele ensino que se adianta ao desenvolvimento. O conteúdo trabalhado pelo professor, no processo educativo, cria, individualmente novas estruturas mentais (ou neoformações) evolutivas, decorrentes dos avanços qualitativos no desenvolvimento da criança (FACCI, 2004, p.228).

A linguagem, a cultura, tudo que envolve o social e cultural contribui efetivamente para o desenvolvimento do sujeito. Cada estágio do desenvolvimento há uma reformulação e, não simplesmente uma adição ou reorganização dos estágios anteriores. Diante disso, a construção da aprendizagem deve ser significativa para os alunos, requerendo relações com conteúdos novos e conhecimentos já adquiridos, levando-os a ampliá-los por novas informações, tornando assim uma aprendizagem significativa. Para Vygotski (2007), o desenvolvimento ou a maturação é visto com uma pré-condição do aprendizado, mas nunca como resultado dele. Para ele, aprendizado é desenvolvimento. Vygotski (2007) baseia sua teoria no conceito em que a mente tem capacidades gerais e específicas, cada uma das quais se desenvolvem independentemente, segundo este autor, o aprendizado favorece o desenvolvimento da criança.

O aprendizado é mais do que aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção em vez disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas (VYGOTSKI, 2007, p. 92-93).

O aprendizado para Vygotski (2008, p. 107) é uma das principais fontes de conceitos da criança em idade escolar, e é também, uma poderosa força que direciona seu desenvolvimento, determinando o destino de todo o processo mental. Entendemos então, que aprendizado e desenvolvimento estão interligados, desse modo, a escola deve assumir efetivamente a função de proporcionar aos alunos oportunidades por meio dos conhecimentos em uma construção contínua para sua evolução como ser humano. Uma educação afetiva de fato, contribui para o comportamento, o caráter e os meios cognitivos da criança. A teoria walloniana aproveita as fases do desenvolvimento, propondo procedimentos pedagógicos diversificados para cada idade de formação, considerando as diferenças de cada estágio, segundo Almeida e Mahoney (2007) em relação ao desenvolvimento:

[...] cada etapa tem uma função própria, e o adulto, ao se propor conhecer a criança, tem de levar em conta a etapa de desenvolvimento da criança em questão e não se tomar como referência. O que se enfatiza também é a importância do momento presente – cada etapa deve ser vivida com seus objetivos e necessidades, e o entendimento a eles deve ser a preocupação do educador. Por outro lado, os objetivos e necessidades vão variar conforme as condições de vida de que a criança dispõe. É responsabilidade do adulto, e principalmente do educador, adequar o meio escolar às possibilidades e necessidades infantis do momento (ALMEIDA e MAHONEY 2007, p.77).

Nesse sentido, a escola junto com o educador não somente fornece conhecimentos conceituais, mas promove o desenvolvimento dos alunos, sendo meios influenciadores, ou seja, a criança produz mudanças tanto no conceito, como também nos conteúdos e na organização do processo de aprendizagem a partir da relação pedagógica estabelecida. Desta maneira, à medida que o aluno passa a possuir consciência de suas ações e sua percepção do que é novo, possibilitará a criação de novas atividades. Segundo Vygotski (2008):

O aprendizado escolar induz o tipo de percepção generalizante, desempenhando assim um papel decisivo na conscientização da criança dos seus próprios processos mentais. Os conceitos científicos, com o seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem constituir o meio no qual a consciência e o domínio se desenvolvem, sendo mais tarde transferido a outros conceitos e a outras áreas do pensamento.

A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conhecimentos científicos (VYGOTSKI, 2008, p. 115).

A criança no convívio com o meio apropria-se de novos conhecimentos, manuseando instrumentos introduzidos pela escola, deste modo, o conhecimento científico faz-se necessário por uma relação com outro conhecimento, ou seja, transformando conceitos cotidianos em conceitos científicos. Essas mudanças devem acontecer por mediação do professor. Que deve conhecer as diferentes manifestações, emocionais e comportamentais da criança. As necessidades da criança são pistas importantes da realidade em que vive. Segundo o Referencial Curricular Nacional, (BRASIL, 1998):

[...] é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais (BRASIL, 1998, p. 25).

O educador apresenta-se como uma referência para a formação dos educandos. Por esse motivo, é importante saber relacionar-se com eles. O contato com o aluno é fundamental para que se sintam capazes. As trocas de experiências e o convívio social entre aluno/professor contribuem para prática pedagógica de forma afetiva.

Além da dimensão afetiva e relacional do cuidado, é preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Assim, cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação desde conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma. (BRASIL, 1998 p. 25).

Ao apropriar-se do meio social, o aluno dependerá da mediação do educador em proporcionar os conteúdos, possibilitando assim, mudanças no âmbito social. O conhecimento mediado pelo professor deve ser organizado na prática pedagógica, “o professor deve desenvolver métodos que conduzam ao desenvolvimento das potencialidades mentais, ele precisa estabelecer uma programação de ensino [...]” (FACCI, 2004, p.237). Deste modo, o professor

impõe sua prática, levando o aluno desenvolver relações afetivas consigo e com os outros.

Assim, podemos dizer que o papel do professor como mediador na formação do indivíduo, possibilita o aluno a ter a uma nova realidade a novos conhecimentos, enriquecendo-o por meio do conhecimento científico adquirido pelo professor, criando possibilidades de ampliar e compreender o mundo, ou seja, a criança aprende o que não é capaz de aprender por si só.

3. A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR/ALUNO NO ENSINO E APRENDIZAGEM

Para Vygotski (2007), a relação entre aprendizagem e desenvolvimento se constitui por meio de dois tópicos, o primeiro é a relação geral entre aprendizado e desenvolvimento e os aspectos específicos dessa relação quando a criança atinge a idade escolar. A segunda relação é a aprendizagem que existe antes da escola, ou seja, o que a criança já aprendeu e desenvolveu em suas habilidades ao interagir com os adultos, desde seus primeiros anos. Esse processo é entendido por Vygotski com o conceito de zona de desenvolvimento proximal.

[...] Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKI, 2007, p. 97).

O nível de desenvolvimento real revela o amadurecimento da uma criança, ou seja, aquilo que a criança consegue fazer independentemente. Este conceito demonstra a importância da imitação para as atividades independentes e subsequentes para o nível superior de seu desenvolvimento mental, ou seja, a importância da criança em aproximar-se do meio social, apropriando-se da vida intelectual dos que os cercam. De acordo com Vygotski (2007):

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse fato, que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma

alteração radical de toda a doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças (VYGOTSKI, 2007, p. 101).

Podemos assim considerar que o aprendizado faz parte de uma lei geral do desenvolvimento das funções mentais superiores, por internalizar tornando-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança, ou seja, o aprendizado não é desenvolvimento, entretanto, quando ele for adequado e organizado resultará em desenvolvimento. Assim, segundo Vygotski (2007) o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKI, 2007, p. 103).

A escola é o meio no qual proporciona condições que possibilite ao aluno apropriação do conhecimento em sua aprendizagem. É nesse processo de desenvolvimento que o aluno ao entrar na escola aprenderá lidar com as mais diversas situações, tornando-se um sujeito ativo com o conhecimento de outro, desse modo irá aprender a lidar com as exigências impostas. Este é um processo inevitável, que muitas vezes, o aprender torna-se uma atividade não atrativa. E nesse momento, o papel do professor será de proporcionar meios acolhedores, por meio da comunicação capaz de realizar “o não saber e o saber em ensinar e aprender”(ROSA, 2010, p. 73).

A forma de relacionar entre professor/aluno irá desencadear uma apropriação de conhecimento na qual um dará suporte ao outro, uma troca por meio de diálogo e respeito com o educando e educador. Desse modo, o educador deve proporcionar ao educando oportunidades de viver experiências, ou seja, permitir apropriar-se do conhecimento. Segundo Rosa (2010):

[...] o ato de ensinar pressupõe uma correspondente capacidade de aprender, o que ai está implícito é que o aluno é capaz de conceber subjetivamente – com auxílio de atividade cognitiva e a partir e de dentro de sua realidade existencial – uma ideia que dá sentido ao que lhe é apresentado do exterior (ROSA, 2010, p. 73).

Esta relação é importante para o professor conhecer a realidade, do aluno. É nesse momento de interação com o outro que encontramos diferentes situações, pensamentos e atitudes que institui no educando um conjunto

singular de saberes, deixando evidente a diferença que temos uns dos outros. Essas diferenças estão presentes em todos os momentos de emoções, sentimentos que se manifestam de acordo com as situações que encontramos, levando a uma transformação na maneira de pensar e agir, reconstruindo o modo de ser de cada indivíduo. No processo de ensino e aprendizagem, devemos considerar a importância das diferenças que encontramos no outro, segundo Kieckhoefel (2011):

Para transformar as diferenças em possibilidades de aprendizagem é necessário compreender que ensinar é um processo no qual professor e aluno, devem “entrar em acordo” na troca e na mediação do conhecimento. Esse “acordo” é condição fundamental e imprescindível para que o saber seja proveitosamente trabalhado (KIECKHOEFEL, 2011, p. 2537).

Assim, o professor deve compreender a afetividade como o meio mediador para relacionar-se com seus alunos, ou seja, interagir de maneira a transformar o aprender em uma contínua transformação dos saberes. Considerando também que em essa relação deve haver respeito e diálogo estabelecido pelo professor/aluno. É nesse momento que o professor deverá compreender e saber lidar com os erros dos alunos, aguardar o tempo com relação à aprendizagem. De acordo com Rosa (2010) é o momento em que o indivíduo reconstrói, com ajuda do mestre, a trajetória que o conduziu a um saber.

O aluno necessita de auxílio do outro para compreender as coisas que estão ao seu redor, é por meio da mediação do professor que esta relação de sociabilidade no processo educativo irá contribuir para o processo de humanização do aluno. Segundo a concepção de Wallon interpretada por Werebe e Brulfert (1986):

[...] a criança é completamente desprovida de meios de ação sobre as coisas que a cercam; é graças as relações interindividuais de sociabilidade que sua vida se abre. Estas relações são, de longe, bem anteriores às relações com o mundo físico, ao contrário do que se observa na quase totalidade da série animal. Portanto, a mediação da relação indivíduo-meio, pelo grupo, é inevitável. A adaptação individual se situa completamente na zona de mediação. Ela é diferente em relação às necessidades da espécie, tomada no seu conjunto – necessidade de adaptação ao meio físico, de ação sobre o meio físico. O meio qual cada individuo deve adaptar-

se é o meio social, meio indireto da adaptação vital (WEREBE; BRULFERT, 1986, p.19).

Podemos considerar assim, que o professor deve então estabelecer uma relação com o aluno de forma a permitir o desenvolvimento com as mais variadas condições de sua aprendizagem. De acordo com a concepção Walloniana, interpretado por Werebe e Brulfert, (1986, p.21) “[...] um dos grandes ensinamentos que podemos tirar da concepção dos meios parece ser a ideia de que, nas situações cotidianas, as crianças têm sempre a escolha do meio sobre qual aplicar suas condutas [...]”. Compreendemos que o professor sendo o mediador intervém ao outro, o aluno ao relacionar-se com o meio social, por meio da mediação passa por uma transformação, que segundo Bastos, Maria e Pereira (2003, p13) “a mediação se processa pela utilização de instrumentos e signos que possibilitam, pela interação social, a transformação do meio e dos sujeitos”.

Dessa forma para a aprendizagem do aluno faz-se necessário o contato com o outro, ou seja, o meio social, como afirma Galvão (1995) em seus estudos: O sujeito constrói-se nas suas interações com o meio, [...] (GALVÃO, 1995, p.08). É por meio desse contato com o outro que o aluno aprenderá a viver em sociedade, com costumes e diversidades culturais. O desenvolvimento da capacidade de se relacionar depende, entre outras coisas, de oportunidades de interação com crianças da mesma idade ou de idades diferentes em situações diversas. (BRASIL, 1998, p. 32).

É função do professor proporcionar situações de aprendizagem ao aluno, considerando suas capacidades afetivas, sociais e cognitivas, assim como seu conhecimento cultural do mundo em que vive. Ou seja, o professor deve planejar e propor uma variedade de experiências, dando condições de aprendizagem baseada no respeito por suas necessidades individuais, ampliando e enriquecendo a capacidade do aluno em aprender.

Estas formas de relacionamento são o que vão dar suporte para o trabalho de ambos, para a construção de conhecimento que irá desencadear a aprendizagem para professor e aluno. Ambos aprendem e ensinam, e é nesta troca que se constitui como seres com competência cada vez melhor, sendo capazes de criar, de forma espontânea, buscando sua autonomia (KIECKHOEFEL, 2011, p. 2539).

Esta relação inclui investir de maneira afetiva com o outro, desenvolvendo condições para o crescimento do conhecimento integral, cognitivo e emocional. Para Wallon, interpretado por Werebe e Brulfert (1986, p. 22): “educação é um fato social. Diante disso, [...] o meio escolar é indispensável ao desenvolvimento da criança [...]”. Por isso, é necessário o professor dispor ao aluno um ambiente no qual possa atribuir possibilidades de ter um avanço em seu aprendizado, ou seja, vivenciar por meio da mediação do professor suas próprias experiências. Como afirma Facci, et.all., (2009, p. 95): “[...] que não é importante ensinar certos volumes de conhecimentos, o que importa é educar a habilidade para se adquirir esses conhecimentos e saber utilizá-los” [...]. Diante desta ideia, entende-se que a educação é o processo de mediação entre o indivíduo e aprendizagem. Sua formação acontece no processo de apropriação dos conhecimentos, ideias, costumes e valores necessários para sua formação.

O desenvolvimento de uma pessoa de acordo com o pensamento de Wallon descrito por Galvão (1995) faz-se por meio da construção progressiva, no qual predomina a afetividade e a cognição/inteligência, isso ocorre a partir de momentos que a criança interage com o ambiente.

É importante compreendermos as maneiras nas quais o aluno desenvolve suas ações e falas na interação com o meio. A escola deve oportunizar meios para os alunos expressarem, em termos curriculares, tanto na arte, como na ciência, em busca da autoconstrução do sujeito. Na estrutura escolar, é importante organizar os planejamentos a oportunizar interações sociais, realizadas coletivamente ou individualmente, desenvolvendo uma vivência social, possibilitando a formação da personalidade da criança, como Galvão (1995) descreve em seu texto:

O meio é o campo sobre o qual, a criança aplica as condutas de que dispõe, ao mesmo tempo, é dele que retira os recursos para sua ação. Com o desenvolvimento ampliam-se as possibilidades de acesso da criança às várias dimensões do meio. No início, ela age diretamente sobre o meio humano e é por intermédio deste que tem acesso às outras dimensões de seu contexto social (GALVÃO, 1995, p. 100).

Para os educadores, o mais importante é poder intervir positivamente, sobre o desenvolvimento do aluno na vida escolar, pois assim, poderá analisar

seu comportamento. Essas relações afetivas, por intermédio do meio, desenvolverá no aluno aspectos afetivos, sociais e intelectuais, dando motivos para suas ações. De acordo com a concepção de Wallon interpretada por Werebe e Brulfert (1986):

[...] a escola é justamente a instituição que tem por função principal prover as atividades dos alunos dos meios que lhe são necessários para realiza-las. E cabe ao mestre, utilizando os métodos pedagógicos adequados, guiar a criança de maneira que possa tirar o máximo proveito dos meios que lhe são oferecidos e de seus recursos próprios. (WEREBE E BRULFERT, 1986, p.26).

A relação do professor como mediador torna-se importante para o desenvolvimento do aluno, pois assim, serão proporcionadas maneiras de desenvolver pensamentos estruturados e originais. Quando valorizado, o aluno torna-se criativo para sua realidade, integrando-se ao meio social.

É fundamental que o processo de ensino e aprendizagem dê-se por meio de uma relação de respeito e conversa, assim, o professor e aluno aproximam-se e juntos constroem os conhecimentos. A importância desse envolvimento deve acontecer mediante a relação de afeto que manifestada, valoriza o processo de ensino e aprendizagem.

4. RELAÇÃO PEDAGÓGICA E AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR/ALUNO.

O processo de ensino aprendizagem envolve, como já vimos anteriormente, uma série de funções, como tornar o conhecimento cotidiano em científico. Por meio da mediação afetiva do professor, o educando aperfeiçoa seu conhecimento e desenvolve as suas próprias experiências. Para Facci (2004) o aluno, portanto, apropria-se desse conhecimento existente, mas o transforma e cria novos conhecimentos (FACCI, 2004, p.234-235).

Na educação, o papel do meio e dos grupos é um processo fundamental, segundo apontam os estudos da psicogenética walloniana. De acordo com Almeida e Mahoney (2007, p. 78) Wallon afirma que o estudo da criança exige igualmente o estudo do meio ou dos meios em que ela desenvolve-se. A escola é a responsável de instruir, é o meio de constituir

grupos de tendências variadas, que podem estar em harmonia ou em oposição com os objetivos educacionais. De acordo com Wallon descrito por Almeida e Mahoney, (2007):

O meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e a suas aptidões sensório-motoras e, depois, psicomotoras... Não é menos verdadeiro que a sociedade coloca o homem em presença de novos meios, novas necessidades e novos recursos que aumentam possibilidades de evolução e diferenciação individual. A constituição biológica da criança, ao nascer, não será a única lei de seu destino posterior. Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias de sua existência, da qual não se exclui sua possibilidade de escolha pessoal... Os meios em que vive a criança e aqueles com que ela sonha constituem a "fôrma" que amolda sua pessoa. Não se trata de uma marca aceita passivamente (WALLON, 1986, p. 168-169 e 171 descrito por ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 79)

O papel do professor como mediador dá ao aluno ferramentas para torná-lo membro da sociedade. O processo de aprendizagem acontece por meio da colaboração de pessoas mais experientes, isso quer dizer que a aprendizagem dá-se por meio de uma mediação organizada, os objetivos devem estar claros e definidos e os alunos precisam estar motivados a aprender. Em outras palavras, o professor mediador desse conhecimento deve proporcionar ao aluno o máximo do seu desenvolvimento. O aluno poderá vivenciar de diferentes maneiras, assumindo e dividindo responsabilidade, respeitando regras, e sabendo administrar os conflitos.

O professor não pode esquecer sua função no grupo, como coordenador: é aquele que observa os processos grupais e intervém, apoiando e dando ao grupo condições de achar seu caminho. Seu objetivo não é só trazer um conhecimento novo, mas ver como o processo de aprendizagem se desenvolve no grupo: aprendizagem de conceitos, de fatos, de valores e de comportamentos (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 80).

Outro aspecto que temos a ressaltar é que o professor é o mediador entre a cultura e o aluno. É ele que aproxima o aluno com a cultura do momento, transmitindo informações que irão construir e desenvolver inteligência na personalidade do aluno. Por isso, cabe ao professor o compromisso e a competência para transmitir seus saberes.

O fundamento do trabalho do professor está pelo respeito ao aluno, a teoria de Wallon de acordo com Almeida e Mahoney (2007, p. 82) “[...] a criança de hoje é o adulto de amanhã. [...] é da disposição de o professor estar na direção, estar voltado para seu aluno que dependerá a marca de sua contribuição ao desenvolvimento do aluno que lhe for confiado.” (ALMEIDA e MAHONEY, 2007, p. 82-82).

Deste modo, o professor deve usar diversas maneiras para o aluno organizar suas emoções, levando a refletir sobre suas ações e expressar seus sentimentos. Ele deve observar o educando em suas diferentes exigências de afeto, nas manifestações de seu funcionamento mental para superar os obstáculos, propor meios que lhe despertem interesse, criar condições para satisfazê-la, demonstrar interesse as necessidades do momento. Para Abramovich (1985) a postura do educador deve ser:

[...] é aquela aberta, que parte da percepção de cada aluno e do grupo como um todo, que possibilita a cada aluno que se conheça e conheça seu colega, para aí, depois de se detectar quais são as dificuldades, lacunas, interesse de cada grupo, poder ter alguma ideia (e sempre reformulável durante a sequência dum curso) do que poderá ser proposto àquele grupo [...] (ABRAMOVICH, 1985, p. 47).

Quando o professor acompanha o crescimento do aluno como um todo, tem consciência de seu papel histórico, cria neles o anseio em tornar-se sujeitos ativos por meio da relação humana e afetiva. A escola como síntese entre presente passado e o futuro, deve considerar a criança e a sociedade de maneira equilibrada em suas necessidades e exigências para seu desenvolvimento. Como Almeida e Mahoney (2007, p. 85) afirma:

A escola não pode esquecer que toda prática verdadeiramente pedagógica tem por finalidade o desenvolvimento da pessoa e o fortalecimento do eu. Sua intenção, portanto, tem de levar o aluno a fortalecer sua autoestima, ter confiança em si e nos outros, ter respeito próprio (ALMEIDA; MAHONEY, 2000, p. 85).

O professor precisa investigar o desenvolvimento da aprendizagem, e enriquecer suas teorias. Almeida e Mahoney (2007, p. 86) complementa que para Wallon: “Somos pessoas completas: com afeto, cognição e movimento, e nos relacionamos com um aluno também pessoa completa, integral, com afeto,

cognição e movimento. [...] Torná-lo mais propício ao desenvolvimento é nossa responsabilidade.” (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p.86). Por esse motivo, precisamos considerar a importância dos conhecimentos dos quais o aluno já possui, e por meio da mediação o professor levar o educando a aprimorá-los. Neste sentido Vygotski (2007):

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse fato, que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma alteração radical de toda a doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças (VYGOTSKI, 2007, p. 101).

O professor deve propiciar situações que vão além de conversas para o aprendizado do aluno. Para a melhor assimilação do educando é preciso organizar situações de conversação, brincadeiras, uma aprendizagem orientada e mediada, desse modo, a criança poderá comunicar-se e expressar-se, demonstrando o que sente e pensa. Para Vygotski (2007)

[...] um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros [...] (VYGOTSKI, 2007, p. 103).

O processo de construção de aprendizagem dos alunos para o professor é uma tarefa na qual se proporciona meios em que a criança seja capaz de ampliar seus conhecimentos. Possibilitando assim, mudanças variadas, experiências sociais, afetivas e cognitivas. Para Vygotski descrito por Facci (2004), a boa aprendizagem é só aquela que se adianta ao desenvolvimento, as escolas e os professores devem ajudar os alunos a expressar, a desenvolver o que por si só não podem fazer. (FACCI, 2004, p.241). Para o processo educativo, o professor precisa atuar como mediador sobre as funções de ensinar e possibilitar ao aluno desenvolver conhecimentos teóricos, levando-o para prática, motivando tanto intelectualmente, como ao afetivo. O professor deve conduzir o aluno a sua melhor capacidade em seu desenvolvimento. Segundo Abramovich (1985),

Se a gente para um instante pra lembrar qual o professor que nos marcou (no primário, no ginásio, na faculdade...), vamos constatar que foi aquele que nos instigou, nos provocou, mexeu conosco, nos pôs curiosos em relação ao mundo, respondeu a dúvida essenciais, admitiu que também é desconhecido... Aquele que facilitou que a gente crescesse, procurando as próprias verdades no mundo... Aquele com quem a gente manteve uma relação humana, afetiva [...] (ABRAMOVICH, 1985, p. 48).

É importante o professor estar atento a cada etapa do desenvolvimento do aluno, pois assim, poderá aproveitar as possibilidades de cada fase de desenvolvimento por meio de atividades pedagógicas diversificadas, respeitando as necessidades dos mesmos. Seu papel é ser mediador, oportunizando aos educandos vivências diferenciadas, “[...] aprender a assumir e dividir responsabilidades a respeitar regras, administrar conflitos, compreender a necessidade do vínculo e da ruptura, aprender a conviver.” (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 79). A escola como meio deve proporcionar ao educando um ambiente enriquecedor, o professor como organizador deve proporcionar meios significativos estando atentos as necessidades dos alunos. De acordo com Almeida e Mahoney (2007):

[...] o professor precisa estar atento é que o conceito de meio inclui o meio interpessoal e o cultural. O professor não só é o mediador entre a cultura e o aluno, mas é o representante da cultura para o aluno. Na relação professor-aluno, é ele que acaba selecionando entre os saberes e os materiais culturais disponíveis em dado momento, bem como tornando ou não saberes efetivamente transmissíveis; é ele que faz a aproximação do aluno a cultura de sua época (ALMEIDA e MAHONEY, 2007, p. 82).

Portanto, devemos refletir a importância do olhar atento do professor em motivar seus educandos à aprendizagem, criando novas necessidades do processo de ensino aprendizagem. Não só atento ao seu aluno, mas também o que motiva o seu trabalho, as ações no qual o realiza. Ele precisa ser observador constante de seu aluno, ter sutileza em perceber as diversas situações. Necessita atualizar-se. Para ensinar é preciso uma busca do saber, novos desafios tornando o aprendizado estimulante a todos. O processo de ensino-aprendizagem deve contar com um professor que seja o mediador entre o conhecimento ao aluno. Para Belotti e Faria (2010, p. 4) “todo educador apresenta-se como uma referência para a formação dos educandos e, é muito

importante a maneira como se relaciona com eles”. A forma de contato é fundamental para que se sintam inteligentes e capazes. Para Abramovich (1985) o professor deve agir da seguinte forma:

[...] Se permitir deixar de ser “a medida de todas as coisas”, perder esta mania de querer ser o detentor de todo o saber e poder do mundo, saber se colocar como uma pessoa também em mudança (e estar se modificando sempre) para que o aluno (tenha a idade que tiver...) possa crescer, questionar, propor junto, repropor o desinteressante, se modificar a gente, nesta busca mútua e paralela (ABRAMOVICH, 1985, p. 47).

O diálogo entre professor/aluno é fundamental, mas muitos educadores sentem-se despreparados para interagir com os educandos. Para ele ser um bom educador, é preciso ter domínios metodológicos nos conteúdos tratados, permitindo o desenvolver do aprendizado, atentar-se às políticas e sociais que envolvem a profissão em sua prática, e dedicar-se e comprometer-se com o trabalho.

O aluno também tem seu importante papel na educação, discutindo, dando sugestões e contribuindo no que lhe é exposto. Como Belotti e Faria (2010 p. 10) dizem “o importante é que o aluno consiga compreender aquilo que o professor transmite, que pense, e que, com isso, consiga criar, questionar e principalmente, pronunciar-se, seja contra ou a favor daquilo que lhe é exposto”. Assim, são formados cidadãos aptos a participar dos meios sociais, exercendo seus direitos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, tivemos como objetivo aperfeiçoar os conhecimentos sobre a importância da afetividade entre professor/aluno no ensino e aprendizagem, suas relações e os meios adequados para trabalhar o desenvolvimento do aluno. As influências e contribuições do ensino com uma relação de afeto e sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

No desenvolvimento da pesquisa confrontamos com vários desafios, um dos quais se constituem em perceber que o trabalho do professor é de suma importância para o processo de ensino e aprendizagem, e a afetividade como relação desenvolvida entre professor/aluno. Compreendemos que a atuação do professor em sala de aula deve acontecer de maneira organizada às formas de apresentação dos conteúdos, buscar sempre meios estratégicos nos quais irão contribuir no desenvolvimento dos educandos.

As leituras realizadas nesta pesquisa nos levam a compreender que o desenvolvimento acontece por meio da relação de convívio com o outro, estas relações sociais apresentam-se como mediadoras na apropriação dos conteúdos, e também na formação do sujeito em sua forma de agir no social. Segundo Galvão (2000, p. 56), “o outro é um parceiro perpétuo do eu na vida psíquica”. É nessa relação que o indivíduo forma-se como ser social e cultural.

A interação social fornece meios para o desenvolvimento do indivíduo, para o processo de apropriação do conhecimento, o outro assume um papel importante, pela mediação na relação professor/aluno. O aluno ao vivenciar experiências afetivas e emocionais no processo de ensino e de aprendizagem age sob influência da relação estabelecida entre educador e educando e os conhecimentos adquiridos. Deste modo, a qualidade da mediação do professor gera o sentimento na relação de sujeito em sala de aula, suas formas de interagir com o aluno, suas estratégias para trabalhar com os conteúdos, são relações decisivas na apropriação do conhecimento, marcados pela relação de afeto.

Nesta perspectiva, os dados analisados também nos mostraram que a escola é um ambiente de ensino aprendizagem, e neste ambiente o processo

de formação dos conceitos têm maior importância, e por meio da mediação estabelecida pelo educador durante o ensino, alcançará os mais variados conhecimentos científicos e culturais. Serão estes conhecimentos que permitirão estabelecer a diferença entre seus alunos, o que aprenderam, e o que foi modificado como sujeito da história e da cultura.

Neste sentido, com base nos dados coletados podemos assim dizer que o desenvolvimento humano é o processo no qual podemos compreender a importância da apropriação do conhecimento, relacionado com a emoção, imitação e outras maneiras de interação. Para Vygotski (2007) esta relação se faz necessária para que o indivíduo tenha o convívio social e interaja com o meio, e assim possa desenvolver-se. Tanto Wallon como Vygotski enfatizam a relação entre afeto e cognição. Ambos dizem que afetividade e a emoção são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo. Por isso na educação, o professor precisa estar preparado, saber lidar com as fases do desenvolvimento da criança, estimulando sempre por meio da afetividade, promovendo o entendimento e a interação social.

Pensando nessa prática de afetividade por meio da interação precisamos considerar o pensamento de Freire (1996, p.9) quando ela diz: “Aprender a pensar, aprender o olhar - pensante não é somar conhecimentos já internalizados, apropriados. Mas é estabelecer relações entre semelhança e diferenças”. Ou seja, precisamos compreender as diferenças de cada educando. Sair do meio comum, agir e buscar novos ângulos de ensino e aprendizagem com a construção das relações.

Com base nos dados apresentados compreendemos que a prática pedagógica requer cuidados em observar cada momento do aluno no processo de construção do conhecimento, permiti-lo refletir e acompanhar suas descobertas fazendo-o desenvolver. A função do professor por meio da afetividade é levá-lo a explorar tudo o que está a sua volta, fazendo-o desenvolver. Ninguém melhor que o professor, para compreender as necessidades e dificuldades de seus alunos.

Neste modo com base nos dados analisados, podemos compreender que o contato que a criança tem com as pessoas, é enfatizado por Wallon

como emoção, que desde o nascimento a emoção é a manifestação da vida, ou seja, a interação dos seres com o meio. A afetividade possui o papel fundamental no desenvolvimento da pessoa, é por meio dela que o indivíduo se encontra com seus objetivos e valores, modificando sua realidade. A escola é o meio de interação da criança, permitindo novas relações da criança com seu meio.

Segundo o pensamento de Wallon, Abramovich (1985, p. 47) complementa que o professor precisa ver a educação como um processo e ele como um agente transformador de comportamentos e desencadeantes de tônicas vitais, que é a única garantia de crescimento de seu aluno. Assim, possibilitará o aluno desempenhar o seu papel histórico.

Concluimos assim com a realização da presente pesquisa que a afetividade é muito mais que um recurso do professor no qual irá estabelecer vínculos com o aluno, estimulando a desenvolver-se como ser integrante do mundo social.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Quem educa quem?** Edição integral. Circulo do livro S.A. Ed. Ltda. São Paulo, 1985.
- ALMEIDA, L. R de. E MAHONEY, A. **A Wallon e a Educação**. In: Henri Wallon: Psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2007.
- BELOTTI, S, H,A & FARIA. M, A. **Relação Professor/Aluno**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 1 – nº 1 2010. Disponível em: <http://www.facsoroque.br/novo/publicacoes/pdfs/salua.pdf>. Acesso em : 28/08/2014.
- BASTOS, S, MARIA. I e PEREIRA. S.R. **A Contribuição de Vygotsky e Wallon na compreensão do desenvolvimento infantil**. v. 4, n. 1 (2003). Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1206/1021>. Acesso 11 de março 2014.
- BRASIL. Ministério de Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUENO, F. S. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo. FDT. 2007.
- DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000
- FACCI, M.G.D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas, SP: Autores associados, 2004.
- FACCI, D. TULESKI, S. C. BARROCO, S. M. S. **Escola de Vigotski: contribuições para a Psicologia e a Educação**. Maringá: Eduem, 2009.
- FERREIRA, A, B. H. **Novo Dicionário da Língua portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Rj. Editora Nova Fronteira. 1986.
- FREIRE, M. **Observação, Registro, Reflexão**. Série Seminários Espaço Pedagógico. São Paulo - 1996.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, Rj; Vozes, 1995 (edição e conhecimento).
- _____, I. Henri Wallon, **uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KIECKHOEFEL, J, C. **As relações afetivas entre professor e aluno**. Curitiba, Nov. 2011. Disponível em:
http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5202_2668.pdf. Acesso 15 de agosto de 2014.

LEITE, S. A. S & TAGLIAFERRO, A. R. **A afetividade na sala de aula: Um professor Inesquecível**. Psicologia Escolar e Educacional, 2005 volume 9 Nº 2. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282321816007>. Acesso em: 30 de janeiro de 2014.

ROSA, S. S. da. **Brincar, conhecer, ensinar**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

WEREBE, M. J. G, E BRULFERT, J, N. **Henri Wallon**. Psicologia. São Paulo: Editora Ática. 1986.